

fonte: ISTO É

class.: 13

data: 9/11/94

pg.: 40-41



GENA BRASILEIRA

# Raiz sem terra

Luta pela demarcação de territórios negros no Brasil é liderada pelo quilombo baiano de Rio das Rãs

LUIZ ALBERTO WEBER

**P**róximo à cidade de Bom Jesus da Lapa, a cerca de 800 km de Salvador, no oeste baiano, o rio São Francisco serpenteia uma região acorrentada ao passado. Numa área de 13 mil hectares, resiste a fazenda Rio das Rãs, reduto de negros habituados a figurar como personagens mudas da geografia dos latifúndios do País. Em Rio das Rãs, cerca de 300 famílias descendentes de escravos que se refugiaram na região, a partir da primeira metade do século XIX, vivem como posseiras na caatinga. E preservam costumes, hábitos e tradições de sua nação.

Como habitantes de uma terra que lhes pertence pela tradição, mas não por força da lei, esses negros vêm sendo não apenas protagonistas de conflitos agrários, mas também o centro de uma discussão que ganhou força com o I Seminário Nacional de Comunidades Remanescentes de Quilombos, realizado no final de outubro em Brasília. A rigor, a questão envolvendo as famílias de Rio das Rãs bateu à porta da Procuradoria Geral da República no ano passado. Foi então

que a procuradora Ela Wiecko de Castilho cobrou a aplicação, pela primeira vez, do artigo 68 das Disposições Transitórias da Constituição, que reconhece a propriedade das terras ocupadas por descendentes de escravos foragidos. "Não queremos apenas proteger o meio de sobrevivência econômica, mas proteger um patrimônio cultural inestimável", diz Joel Rufino dos Santos, presidente da Fundação Palmares, instituição ligada ao Ministério da Cultura.

Se for confirmada a demarcação de Rio das Rãs, outros 360 núcleos de remanescentes de quilombos espalhados em todo o País, somando cerca de 500 mil descendentes de escravos, terão aberto o caminho para a titulação de suas terras. A demarcação dessa primeira cidadela negra encravada no sertão nordestino é defendida por qua-

tro antropólogos, que periciaram a região para subsidiar a decisão da procuradoria e fornecer bases de discussão para o I Seminário Nacional. O laudo antropológico coordenado pelo professor da Universidade de Brasília José Jorge de Carvalho classificou Rio das Rãs como um grupo social com identidade definida, exclusivamente negra, sem apresentar mistura racial e distinta radicalmente dos demais grupos vizinhos. "Trata-se de descendentes de negros que viviam livres, chamados quilombolas, e que lá chegaram e se fixaram antes da abolição da escravidão", explica Carvalho.

Rio das Rãs sempre resistiu e defendeu seu território das tentativas de invasão. Constituído sobretudo por descendentes

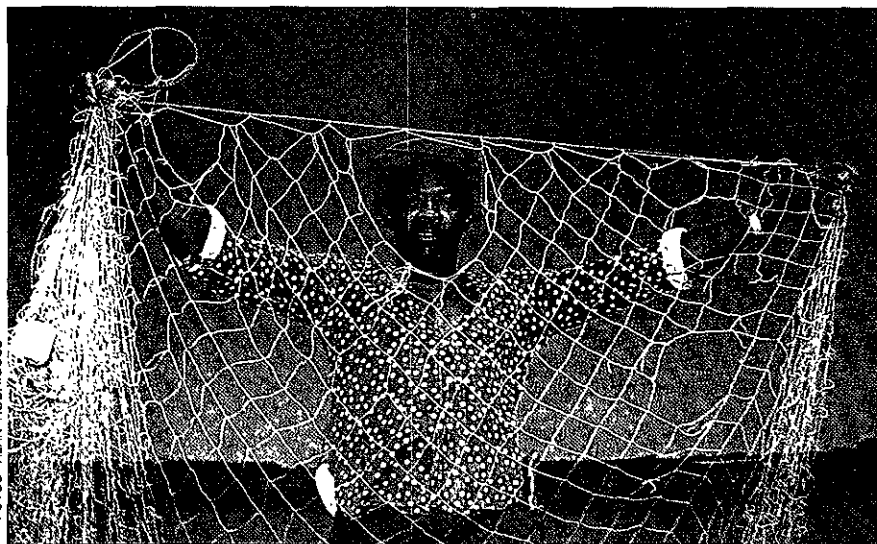
## 1995, o Ano Zumbi

**A** uma hora e meia de carro de Maceió e há 300 anos no passado, situa-se o monumento-referência da história negra do País. Numa faixa de terra de 350 quilômetros que corre pelo rio São Francisco até o sertão, na chamada serra da Barriga, brotou na última década do século XVII a história da resistência negra. Com a fuga para Palmares de 40 escravos rebeldes de um engenho do sul de Pernambuco, iniciou-se uma dupla simbologia: a tradição dos aquilombamentos e a incorporação de Zumbi ao panteão dos heróis nacionais. Em 1694, caiu o quilombo que, na realidade, era um cordão de comunidades esparsas com uma população que excedia os 20 mil negros - menor apenas que algumas cidades do litoral. No ano seguinte, foi assassinado Zumbi, a grande liderança dos Palmares. Com ele morreu a experiência quilombola da zona da Mata, apontada por alguns como uma comunidade sem

# Instituto Socioambiental

fonte: ISTO É class.: 13

data: 9/11/94 pg.: cont.



FOTOS ALAN RODRIGUES

**Os quilombolas de Bom Jesus da Lapa vivem em 13 mil hectares. João Nagô (acima) lidera a posse da fazenda e Chico Tomé é o símbolo da nação**

da nação nagô, último dos grupos africanos traficados para o Brasil, esse núcleo liderou a maior parte das revoltas de escravos na Bahia no século XIX e ajudou a formar, juntamente com outros negros que habitavam a região, uma cultura de enfrentamento aos brancos. João Nagô, 52 anos, carrega ainda a herança combativa de sua raça.

Ele lidera a luta pela posse da terra contra o fazendeiro Carlos Nilton Bonfim, um dos principais plantadores de algodão do Nordeste. "Com a força de minha raça nagô, vou ganhar a terra para o meu povo, mesmo andando atrás da lei", sonha. É claro que, mesmo com a posse da terra concedida aos remanescentes, a região não se



transformará num paraíso. "É difícil para alguns assimilar que a terra será coletiva e não individual", argumenta irmã Miriam, coordenadora da Pastoral da Terra, em Bom Jesus da Lapa, e principal articuladora pelo reconhecimento do quilombo.

Para sobreviver e manter sua integridade cultural nesta virada do século, a comunidade desenvolveu alguns mecanismos de vida como se ainda estivesse no século XIX. Segregando outras nações negras, Rio das Rãs conseguiu impedir a entrada de famílias que não fossem nagô - cerca de 70% dos casamentos são internos à comunidade. Paulínia Arcajo Rodrigues, 33 anos, quatro filhos, após passar um período de sua vida em São Paulo, voltou para a comunidade e se casou. "Muita gente daqui sai e retorna somente para se casar", diz ela. Para consoli-

dar os princípios do quilombo, a comunidade recorre ainda a Francisco Ferreira Magalhães, 63 anos. Cantador, Chico Ferreira é o animador das festas e o encarregado de repassar oralmente a cultura dos quilombolas.

"Minha vontade é não deixar morrer os pensamentos dos antepassados", diz Chico, que reúne as crianças da comunidade para tomar a lição de história musical: "Samba negro/ porque branco não vem cá/ se ele vim/ cai na câmara de ar (no chicote)". Ou: "Eu sou do Rio das Rãs/ sou filho da raça negra/sou filho do quilombo/ por isso não levo um tombo", canta Chico nas datas festivas. Não basta, porém, ser negro e viver numa comunidade etnicamente homogênea para reivindicar a posse da terra. A antiguidade da ocupação da região tem que ser comprovada. Em Rio das Rãs, Francisco Arcajo, 100 anos, conhecido como Chico Tomé, é o símbolo da sobrevivência da nação nagô. Chico Tomé ainda traz na memória histórias de castigos contra os escravos que foram vividas e contadas por seu pai. "Eles eram obrigados a colocar a mão sobre um punhado de milho numa mesa e espancados com a palmatória. Era o castigo menor", lembra.

"O autocumprimento pela União do artigo 68, sem a pressão do Congresso, é improvável", avalia o ministro da Cultura, Luiz Roberto do Nascimento e Silva. A origem do problema está na própria definição de quilombo ao longo da história. Em 1748, por exemplo, quilombo era todo grupamento que tivesse mais de cinco negros. A lógica é clara: partia-se do princípio de que escravos reunidos significavam escravos planejando fugir. Hoje a definição peca ao contrário, ou seja, justamente por não fixar um número mínimo de negros para caracterizar um quilombo. Assim, se cinco negros juntos, vivendo num território demarcado geograficamente e continuamente ocupado, continuassem a traduzir um quilombo, fácil imaginar a incoerência e utopia constitucional num país onde a população negra é de 7,2 milhões de pessoas. O ex-presidente José Sarney, por exemplo, abriga quilombolas (Quilombo Mesquita) na região de seu sítio Pericumã, nos arredores de Brasília. Mas nem mesmo Sarney, em cujo governo foi promulgada a Constituição, concedeu aos negros a posse de terras. ■

classe nem distinção de raças. Com Zumbi nasceu a consciência negra. Zumbi rejeitou a adoção do padre a quem fora presenteado; rejeitou o litoral e o mundo dos brancos; rejeitou a paz; e, enfim, a rendição. No próximo ano, comemora-se o tricentenário da morte de Zumbi, demarcado pelo furor histórico de Itamar Franco. Para a comemoração do "Ano Zumbi", o presidente nomeou o cantor Gilberto Gil e o "rei" Pelé como estrelas maiores da comissão que organiza o evento. No próximo dia 20, sobre a arqueologia dos Palmares, o governo lembra a queda do quilombo. Bom despacho para Itamar.



**O líder dos Palmares: homenagem nos três séculos de sua morte**